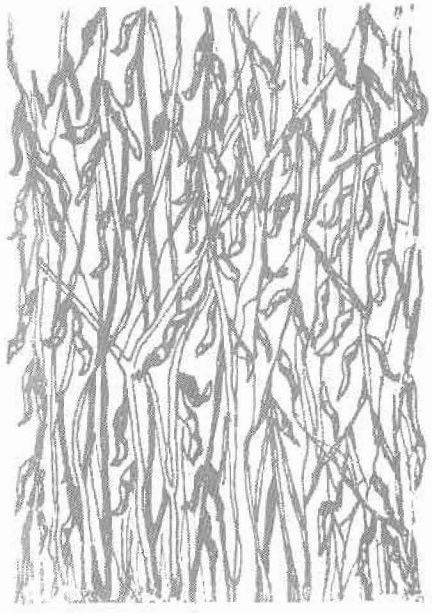
SOJA

A GARANTIA DE FUTURA CORREÇÃO DE PREÇOS NO MERCADO EXTERNO, POR CERTO, INCENTIVA A EXPANSÃO DO CULTIVO DE SOJA NOS ESTADOS CENTRAIS E NO NORDESTE. POR OUTRO LADO, A ESCASSEZ E O ENCARECIMENTO DOS RECURSOS DE CUSTEIO SÃO CARACTERÍSTICAS MARCANTES DA SAFRA 1984/85.

Desde fins de novembro, tornaram-se disponíveis as primeiras estimativas oficiais do plantio de soja da próxima safra. Os dados, tanto do **IBGE** quanto da **CFP**, apontam um crescimento da ordem de 3% em relação à área plantada em 1983/84 (ver Quadro 11). Como de costume, essa elevação provém de aumentos substanciais do plantio no Centro-Oeste e em Minas Gerais. Aliás, a tendência à expansão do cultivo em áreas novas, nos estados centrais e no Nordeste está consolidada. O Quadro 12 apresenta a evolução da área colhida da sojicultura nos últimos anos, permitindo ver seu crescimento fora dos estados sulinos.

Segundo o **IBGE**, a área cultivada de Mato Grosso deverá crescer nada menos do que 32%, atingindo 712 mil ha. Da mesma forma, estima-se que os plantios em Goiás e Minas Gerais devam aumentar, respectivamente, 11% e 16%, alcançando 650 mil ha e 385 mil ha.

Essas estimativas tornam-se mais expressivas quando confrontadas com o espaço ocupado no Centro-Oeste há apenas quatro safras. Efetivamente, em 1980, a área cultivada nos estados centrais era de 1,1 milhão de ha enquanto, em 1984/85, o total do plantio nos mesmos estados deverá atingir 3 milhões de ha, quase 1/3 do total do país.



QUADRO 11 – BRASIL – SOJA EM GRÃO – ESTIMATIVAS DE ÁREA[1], PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO DA SAFRA 1983/84

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)
Rio Grande do Sul	3.641.813	5.415.494	1.487
Paraná	2.177.900	4.121.000	1.892
Mato Grosso do Sul	1.179.429	2.002.635	1.698
Mato Grosso	538.269	1.050.195	1.951
São Paulo	480.000	864.000	1.800
Goiás	583.160	861.150	1.477
Santa Catarina	420.216	578.763	1.377
Minas Gerais	331.062	551.331	1.665
Distrito Federal	30.000	51.990	1.733
Bahia	27.627	35.912	1.300
Maranhão	4.288	7.649	1.784
BRASIL	9.413.764	15.540.119	1.651

FONTE – IBGE.

[1] Estimativas de área colhida para todos os estados, salvo Minas Gerais.

Em relação às regiões Sul e Sudeste, prevêem-se ligeiros decréscimos no Paraná e Santa Catarina e crescimentos de cerca de 1%, tanto em São Paulo, quanto no Rio Grande do Sul. No total, estima-se que a área alcance 9,7 milhões de ha e que a produção se aproxime dos 16,9 milhões de t, supondo que as produtividades físicas médias estaduais, exceto em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, cresçam em relação a 1984.

Contudo, há de se considerar que a safra 1984/85 vem-se caracterizando não só pela escassez como pelo encarecimento dos recursos de custeio, ao mesmo tempo que o plantio foi atrasado por falta de chuvas em São Paulo, no Paraná e no Rio Grande do Sul.

QUADRO 12 – BRASIL – SOJA – EVOLUÇÃO DA ÁREA COLHIDA – 1973 A 1983
(1.000 ha)

REGIÃO	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984
SUDESTE	224	383	467	474	549	671	653	723	729	745	728	811
Minas Gerais	23	48	76	80	100	112	117	162	186	229	258	331
São Paulo	202	335	391	394	449	559	536	561	543	516	470	480
SUL	3.245	4.475	5.107	5.719	6.041	6.511	6.848	6.919	6.567	6.085	5.784	6.240
Paraná	818	1.340	1.632	2.083	2.200	2.349	2.340	2.411	2.268	2.100	2.022	2.178
Santa Catarina	209	365	361	339	351	409	475	520	484	445	359	420
Rio Grande do Sul	2.218	2.770	3.113	3.296	3.490	3.754	4.032	3.988	3.816	3.540	3.403	3.642
CENTRO-OESTE	146	285	2.498	224	480	596	754	1.130	1.203	1.372	1.618	2.301
Mato Grosso do Sul	...	...	...	...	...	494	580	807	777	843	925	1.179
Mato Grosso	86	175	194	191	412	6	19	70	120	194	302	538
Goiás	60	110	56	33	68	97	153	246	290	318	371	583
TOTAL	3.615	5.143	5.824	6.417	7.070	7.782	8.256	8.774	8.501	8.202	8.136	9.414

FONTE – IBGE.
NOTA – O total inclui Maranhão, Bahia e Distrito Federal.

Se, por um lado, inexistem fundamentos, até agora, para que se prevejam reduções da produtividade física média, não há também razões para se cogitar de que sejam conseguidos os melhores resultados em todas as regiões. Dessa forma, os números projetados oficialmente talvez se mostrem superestimados, mas, mesmo assim, é possível que a safra supere os 15,5 milhões de t que o **IBGE** registra como colhidos em 1984.

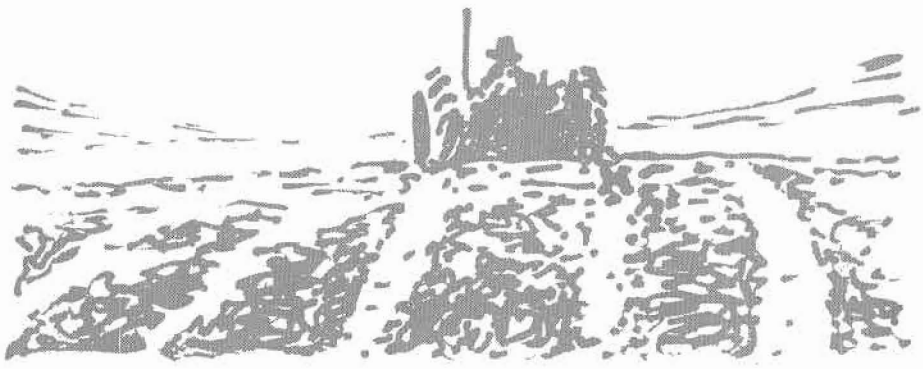
A produção de 1985 dependerá, evidentemente, das condições climáticas dos próximos meses, mas é interessante ressaltar o fato de a soja ainda continuar sendo uma opção atraente de cultivo, em comparação com as demais lavouras de verão, especialmente no caso do arroz e do milho, que deverão apresentar decréscimos de área na safra 1984/85.

Para o plantio da soja, há de ter pesado a garantia de futura correção de preços, por ser um produto **de mercado externo.** Mesmo com as cotações internacionais flutuando livremente, sabe-se que se manterá um patamar mínimo, abaixo do qual os preços da soja dificilmente cairão.

No momento, as cotações externas encontram-se bastante deprimidas, em torno dos US$ 6/**bushel**, nível considerado, por alguns analistas, como um piso, pois quedas ainda mais expressivas aproximariam muito os preços dos custos de produção norte-americanos. Para o atual ano comercial, porém, as perspectivas de preços são menos atraentes do que em 1983/84. O **USDA** está projetando preços médios ao produtor norte-americano ao redor dos US$ 6,60/**bushel** (US$ 7,75 no ano anterior).

Os fatores que vêm mantendo baixas as cotações do **grão** e do **farelo** não são novos: dólar norte-americano fortalecido na Europa e fraca demanda pelos farelos proteínicos. Quanto ao **óleo**, uma oferta apertada do conjunto dos óleos vegetais torna seus preços relativamente fortes. Conforme se observa no Quadro 13, os preços do **grão** e do **farelo** apresentavam-se, nos últimos meses, bem abaixo do patamar de outubro/novembro de 1983 e as cotações do **óleo** têm-se mantido em torno US$ 700/t, preço vigente em Roterdã entre outubro de 1983 e março de 1984.

Espera-se, no entanto, que uma



QUADRO 13 – SOJA – COTAÇÕES DO GRÃO, FARELO E ÓLEO EM ROTERDÃ – 1983/84 (US$/t)

MÊS	GRÃO	FARELO	ÓLEO
Outubro/83	329	289	687
Novembro	324	281	652
Dezembro	311	271	644
Janeiro/84	305	255	692
Fevereiro	293	243	669
Março	314	252	720
Abril	315	236	772
Maio	338	226	914
Junho	308	210	844
Julho	270	191	697
Agosto	261	180	679
Setembro	245	171	694
Outubro	245	181	679

FONTE – OIL WORLD.

oferta aparentemente mais folgada de óleo de palma venha a reverter o atual quadro, que se mantém há mais de um ano: preços firmes de **óleo** e fracos de **farelo**. Aguarda-se, também, uma recuperação nas cotações do **farelo**, que depende, em última instância, de um aumento, tanto nos **EUA** quanto na **CEE**, dos rebanhos e da conseqüente maior procura por rações.

Internamente, a demanda por **farelo** apresentou uma queda expressiva em 1984. Entre fevereiro e outubro de 1983, foram consumidas 1,8 milhão de t de **farelo**, enquanto, no mesmo período de 1984, esse consumo foi de 1,5 milhão de t, segundo dados da **Abiove**.

O desempenho do **complexo soja** pode ser avaliado, também, através da evolução dos estoques finais de **grão**, **farelo** e **óleo** em outubro de 1984, comparado com anos anteriores. No caso do **grão**, sempre de acordo com a **Abiove**, em poder de indústrias e cooperativas processadoras havia, naquele mês, 940 mil t (1,5 milhão em 1983 e 2,1 milhões em 1982). Registravam-se 882 mil t de farelo (755 mil em 1983 e 718 mil em 1982). Quanto ao óleo, dispunha-se de apenas 156 mil t, enquanto, um ano antes, havia 227 mil t e algo em torno de 300 mil em 1981 e em 1982.

Esses resultados decorrem de maiores exportações de **óleo** e menores de **farelo** (em relação a 1983), como conseqüência dos preços vigentes no mercado internacional.

Em termos de receita de exportação, não se pode deixar de registrar a decepção quanto à contribuição do **complexo soja** para a **balança comercial**. Dos US$ 3,5 bilhões considerados factíveis há um ano, dever-se-á arrecadar algo em torno dos US$ 2,6 bilhões, com a venda ao exterior de **soja em grão**, **farelo** e **óleo**.

Esse valor é praticamente igual ao obtido em 1983, com quantidades vendidas semelhantes, o que significa que, por diversas razões, deixou-se de aproveitar a vertiginosa alta de preços ocorrida durante o último ano no mercado internacional de oleaginosas.

